



Vivemos tempos que, até há pouco, alimentavam, como que por artes mágicas, o nosso imaginário, povoado poeticamente por mundos sabiamente idealizados pelos Lumière e Méliès.

Vivemos momentos preenchidos por um inimigo visivelmente invisível, presente num presente alimentado de incertezas, de receios e de espaços que juram encher-se de um quase nada, infinitamente desumano.

Vivemos tempos forçadamente domesticados por gestos únicos, frios, capazes de tornar infinitamente grande a distância entre um simples brilho, no olhar singelo de duas crianças.

Vivemos tempos desprovidos de gestos capazes de transformar uma qualquer lágrima num momento de esperança e de amor.

Vivemos assistindo, a uma distância apenas preenchida por um profundo vazio cheio de quase nada, à conquista de uma simples folha que, acompanhada por umas quantas outras, corajosamente, desafiando quiçá as leis do universo, apoiando-se conscientemente num vento (quase) indiferente, percorre um, aparente, infinito espaço, para, triunfante, se deleitar, simplesmente, num chão igual a tantos outros...

Vivemos num mundo surdo aos sons de um mar que, graciosamente, continua a acariciar um qualquer areal...

Vivemos sem poder sentir o calor capaz de transformar um simples e singelo abraço numa poderosa manifestação de amor e de amizade.

Vivemos...

E essa é a nossa maior força para continuarmos a alimentar a esperança!

Vivemos, hoje, num tempo vigiado por um espaço infinitamente pequeno, momentos de esperança, alicerçados numa união ruidosamente surda, com o poder de complementar o esforço daqueles que todos os dias transformam cada minuto, cada segundo, no brilho único de esperança da vida!

Vivemos aprendendo a viver... por um futuro inebriado de cores, sons e gestos!

Vivemos...

Feliz Páscoa, em segurança e com saúde!

Vila do Conde, 11 de abril de 2020



(António Almeida)